

MÁRIO CÉSAR DA SILVA

A Dança do Catira em uma apropriação pedagógica em arte/educação

Barretos

2011

MÁRIO CÉSAR DA SILVA

**A DANÇA DO CATIRA EM UMA APROPRIAÇÃO PEDAGÓGICA EM
ARTE/EDUCAÇÃO**

Trabalho de conclusão do curso de Artes
Visuais habilitação em Licenciatura do
Departamento de Artes Visuais do Instituto
de Artes da Universidade de Brasília.
Orientador: Prof. Dr. Christus Menezes
Nóbrega

Barretos

2011

DEDICATÓRIA

À minha esposa Edilene, por sua constante presença, por meio do seu incentivo. Aos meus filhos João Pedro e Eduardo César, razão pela qual a minha vida faz sentido.

AGRADECIMENTOS

À minha primeira tutora presencial, Ana Claudia Neif Sanches, por participar brilhantemente da minha primeira fase do curso,

À minha atual tutora presencial Ângela Organo Possato, por assumir a turma com afinco e presteza,

A toda equipe de coordenação do curso do pólo de Barretos, por me atender em todas as necessidades em qualquer tempo,

A todos os tutores virtuais que, mesmo de longe, estiveram sempre presentes na construção do meu aprendizado.

Às autoridades competentes, que tornaram possível a existência deste curso a distancia, por meio do qual, o meu sonho, que também era distante, pode se tornar uma feliz realidade.

RESUMO

Esta pesquisa tem o propósito de resgatar e valorizar uma tradição cultural, mais especificamente a dança do catira, a qual se insere neste contexto como cultura popular da cidade de Barretos. Estabelecer uma relação com as práticas pedagógicas em arte/educação nas escolas de ensino fundamental, criando um diálogo entre os registros fotográficos de grupos de catira com a tecnologia, buscando o envolvimento das crianças e jovens por meio da intervenção gráfica nos temas que tratam da identidade regional, que permeiam este processo educativo. A pesquisa de campo constitui-se essencialmente de entrevistas que foram realizadas e gravadas com elementos envolvidos com o tema aqui abordado, além disso, a pesquisa bibliográfica foi realizada utilizando-se referencial teórico com abordagem de textos de sociólogos e antropólogos que tratam do estudo da cultura popular. Alguns teóricos como Ana Mae Barbosa, Salgado e Amaral, e também os Parâmetros Curriculares Nacionais foram de bastante importância junto à pesquisa, pois abrangem os temas abordados no trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO.....	05
LISTA DE FIGURAS.....	07
INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO 1 - Catira: Manifestação Cultural.....	09
1.1 A tradição do catira na cidade de Barretos.....	09
1.2 Histórias de Catingueiros: entrevistas.....	10
CAPÍTULO 2 O registro fotográfico como ferramenta pedagógica.....	17
2.1 Identidade cultura.....	20
CAPÍTULO 3 Reflexões fotográficas de uma realidade popular: Projeto pedagógico.....	21
3.1 A arte como meio de desenvolvimento geral da criança e do jovem.....	22
3.2 O professor como mediador.....	24
CAPÍTULO 4 A arte e a tecnologia.....	26
4.1 Tecnologias como ferramenta de aprendizagem na sala de aula.....	26
4.2 A apropriação do conhecimento.....	28
CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 – “Catira 25 de Agosto” - Acervo pessoal Sr. Carlos

Fig. 2 – “Catira 25 de Agosto” - Acervo pessoal Sr. Carlos

Fig. 3 – “Catira do CETEC” - Acervo pessoal Sr. Expedito

Fig. 4 _ “Catira 25 de Agosto” - Acervo pessoal Sr. Carlos

Fig. 5 – “Catira do CETEC” - Autor: Mário César da Silva

Fig. 6 – “Catira do CETEC” - Autor: Mário César da Silva

Fig. 7 – “Catira São Benedito” - Autor: Mário César da Silva

Fig. 8 – “Catira São Benedito” - Autor: Mário César da Silva

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Artes Visuais trata-se de uma pesquisa de caráter teórico, que se deu a partir da investigação sobre a manifestação popular presente na região de Barretos; O Catira.

Esta pesquisa tem como objetivo o desenvolvimento de um projeto pedagógico em arte/educação, no qual tem como propósito disponibilizar em sala de aula aos alunos do ensino fundamental das escolas municipais da cidade de Barretos, registros fotográficos que apresentem a estética dos grupos de catira de diversas épocas.

A pesquisa de campo apresenta-se como uma ferramenta de grande valor para realçar e complementar o desenvolvimento do trabalho, por meio do contato com famílias que mantêm a tradição de pai para filho, da cultura do catira, e que possuem uma grande bagagem de conhecimento e experiência, assim como alguns registros fotográficos que comprovam esta experiência.

Este estudo, assim fundamentado, tem como proposta, a legitimação e o reconhecimento social quanto à importância da manutenção dessa atividade que representa parte essencial e efetiva da cultura dessa comunidade, reforçando a identidade dos seus representantes.

Capítulo 1

Catira: Manifestação Cultural

1.1 A tradição do catira na cidade de Barretos

De origem incerta, admite-se que o catira tenha vindo da África, acompanhado da chegada dos escravos, sendo possível que esta cultura popular tenha sofrido influências da cultura espanhola e portuguesa, mais especificamente dos jesuítas, por meio da doutrina religiosa sofrida pelos índios e outros habitantes que residiam o Brasil, durante a colonização brasileira. Esta manifestação popular atualmente acontece no Brasil, com maior expressividade nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás.

Em Barretos, interior do estado de São Paulo, acredita-se que o catira tenha chegado juntamente com os peões de boiadeiro em suas viagens pelos longínquos rincões, seguindo por estradas de terra, entre as matas, levando as boiadas, montados em seus cavalos, passando por todo tipo de dificuldades para levar o gado das grandes fazendas pecuaristas até os frigoríficos, localizados nas proximidades de Barretos.

Também conhecida em algumas regiões, como Cateretê, a dança do catira esteve presente na cultura da cidade de Barretos em todas as etapas do seu desenvolvimento, talvez por trazer a marca de uma vida simples e difícil, ela se ajustou ao modo caboclo de viver, próprio do jeito interiorano de viver dessa gente, que consegue encontrar o divertimento, na medida das suas possibilidades, por meio de uma dança, entre alegre, respeitosa e festiva, marcada por um ritmo contagiante que prende a atenção do espectador, como a convidá-lo a também participar da apresentação.

Mais que sapateado e palmas, acompanhados de uma cantoria e de viola, o catira representa, para a região de Barretos, uma tradição cultural, cultivada ao longo da história da cidade, desde a sua fundação, até os dias de hoje.

Este projeto apresenta importância, pois abrange um tema que está presente nas tradições da cidade de Barretos, uma vez que a cidade é originalmente cabocla

e seus costumes trazem influências dos moradores das fazendas que se formavam na região desde a época de sua fundação.

A dança do catira se tornou muito importante para toda comunidade de Barretos, uma vez que promove visibilidade ao nome da cidade para outras regiões, na qual acontecem festividades com apresentações dos grupos de catireiros da região, da mesma forma como recebe grupos de outras cidades para se apresentar na Festa do Peão¹, evento tradicional em Barretos, que atrai competidores de várias regiões do Brasil e até de outros países, para montaria em cavalos e touros.

1.2 Histórias de Catingueiros: entrevistas

Ao cair da noite, devido o cansaço e a impossibilidade de seguir a viagem, os peões acomodavam o gado próximo de alguma pastagem e montavam acampamento para se alimentar e pernoitar. Acredita-se, seja este o palco onde se originou os primeiros ensaios de uma dança entre os peões, que mais tarde viria a se estender pelas colônias e finalmente chegar até as populações das cidades como um importante representante do folclore desta região.

A busca por mais informações por meio da pesquisa de campo com alguns catireiros que já vivenciaram a experiência do contado com esta arte popular e outros que ainda representam uma parcela daqueles que persistem na prática da dança do catira, obteve muito sucesso quanto ao êxito deste projeto pelo resgate da valorização da cultura raiz da cidade de Barretos.

¹ A Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos teve sua origem em 15 de julho de 1955 e o grupo de rapazes responsável por sua criação é denominado de “Os Independentes”, o qual permanece à frente de toda a organização das festas até os dias de hoje. O Parque do Peão possui a maior arena de rodeio da América Latina, com capacidade para 35.000 pessoas sentadas e foi projetado por Oscar Niemeyer. Além do Rodeio, que é considerado sua maior atração, a festa conserva tradições desde a sua criação, promovendo eventos da Queima do Alho, o Catira, Concurso de berrante, a Violeira, entre tantas outras.

De acordo com o senhor Carlos Anésio da Silva, conhecido também como “Carlinhos Catireiro”, em entrevista² concedida em setembro/2011, pode-se entender que:

“... Mas a catira, ela foi começada (SIC), sobre os peões de boiadeiro, o peão de boiadeiro, ele viajava muito no lombo do burro, o dia todo. Então na noite eles, quando tomavam um banho pra vim pro jantar, reunia (SIC) depois do jantar a peonada, normalmente tinha um que tocava uma viola e cantava moda de viola...” – (Carlos Anésio da Silva em Entrevista-09/2011).

Nota-se até mesmo pelo linguajar simples, aqui representado pelo senhor Carlos, que o catira se desenvolveu entre pessoas de uma vida simples e modesta, acostumada a relacionamentos francos e saudáveis com sua gente e pronta para receber as pessoas em suas casas com muita simplicidade, mas também com muita cortesia.

Foi dessa forma que o Sr. Carlos abriu as portas de sua residência, para falar um pouco daquilo que ele mais admira e entende, e em cada palavra fica evidente a sua afinidade com a prática dessa dança.

“... ela é formada com dez elementos. São dois violeiros, os dois primeiros depois dos violeiros chamam palmeiros, depois dos dois palmeiros vem os chave, depois vem os contra-chave e os dois últimos que são os sapateadores de fora que fica, um dum lado e outro opostos dos violeiros, ele chamam auréla (sic)...” – (Carlos Anésio da Silva em Entrevista-09/2011).



Fig. 1 – “Catira 25 de Agosto”

Acervo pessoal Sr. Carlos



Fig. 2 – “Catira 25 de Agosto”

Acervo pessoal Sr. Carlos

² O senhor Carlos Anésio da Silva foi membro de um dos grupos de catira mais antigos de Barretos, chamado “Catira Vinte e cinco de Agosto”, em homenagem ao dia do aniversário da Cidade. Nosso encontro foi muito produtivo e prazeroso, pois ele foi muito gentil e atencioso o tempo todo, enquanto discorria acerca da dança do catira, da qual ele demonstrou sentir verdadeira paixão. Outras duas entrevistas foram realizadas e gravadas, que serão citadas no corpo do texto, para justificar a legitimidade deste projeto, já que me trouxeram muitas informações e aumentou ainda mais a minha admiração por esta “cultura de raiz.”

O prestígio da dança do catira em Barretos, também está representado nas comemorações cívicas que acontecem na cidade. Exemplo disso pode ser conferido nos registros das imagens que ilustram, por exemplo, o desfile de sete de setembro em que todas as unidades escolares, e órgãos representativos de diversas atividades da cidade se reúnem nas ruas centrais da cidade, numa demonstração do cumprimento do dever cívico e do patriotismo dessa gente.

Também ali, está representada a dança do catira, uma vez que dois grupos de catireiros estiveram presentes este ano de 2011, como parte importante do desfile, representando parte da cultura e dos valores dos barretenses que se emocionam cada vez que os grupos param a sua marcha, durante o desfile para dar uma demonstração da sua arte popular. Ainda discorrendo sobre a importância do catira o senhor Carlos afirma que, “... a festa do peão chama peão de boiadeiro, e porque não o catira que é do peão de boiadeiro. O peão de boiadeiro, ele não só era peão, ele dançava o catira na noitada, então tá (sic) faltando na festa do peão, o catira da noite...” (Carlos Anésio da Silva em Entrevista- 09/2011)



Fig. 3 – “Catira do CETEC”

Acervo pessoal Sr. Expedito



Fig. 4 - “Catira 25 de Agosto”

Acervo pessoal Sr. Carlos

O catira, que se manteve por muitos anos como uma prática exclusivamente masculina, passou nos últimos anos, a contar com a participação graciosa das mulheres catireiras, o que abrilhantou ainda mais as apresentações dos grupos de dança, durante as festas em que os mesmos estão acostumados a se apresentar.

Este fato é lembrado em outra abordagem, quando o senhor Expedito Pedro da Silva, conhecido também como “Senhor Pianga”, que em entrevista em 09/2011, fala da sua participação em um grupo composto exclusivamente por mulheres, “... eu notei que, que a catira feminina, que é formado pelas moças, parece que, o público, chama mais a atenção... parece que é mais aceito, né. Sempre é..., as catireiras, o

grupo certo é seis né, e a dupla (sic), forma oito. Oito pessoas...” (Expedito Pedro da Silva em Entrevista- 09/2011)



Fig. 5 – “Catira do CETEC”

Autor: Mário Cesar da Silva



Fig. 6 – “Catira do CETEC”

Autor: Mário César da Silva

Com o passar dos anos, era de se esperar que algumas mudanças ocorressem quanto ao visual estético dos grupos de catireiros, assim como o seu desempenho durante as apresentações. De acordo com as afirmações do senhor “Pianga”, estas mudanças contribuíram para aperfeiçoar ainda mais esta tradição assim como para tornar os grupos mais organizados e atraentes. “... de primeiro, conforme as pessoa (sic) ia dançar o catira, as veis (sic) a roupa era, um tava dum jeito, outro tava do outro né... bem arrumadinho (sic) mais... hoje é igual, tem uniforme né...eu acho que hoje fica melhor a aparência...” (Expedito Pedro da Silva em Entrevista- 09/2011)

Questionado sobre a possibilidade do envolvimento dos jovens de hoje no conhecimento e valorização da arte do catira, o senhor Pianga sugere utilização da tecnologia, como recurso para alcançar a juventude de hoje que usualmente recorre à internet para obter todo tipo de informação e conhecimento.

“... eu penso assim, de arrumar uma câmera, firma (sic) nois cantano, que fique isolado do barulho da rua, né, pra não atrapaiá nois (sic) canta o recortado, e as meninas a fazer o sapateado, pá pô (sic) na *internet* né, que muita gente vai puchá (sic) na *internet*, vai ouvi, então eu acho que chama a atenção da juventude...” (Expedito Pedro da Silva em Entrevista-09/2011).

A construção da identidade de um povo está intrinsecamente ligada a sua cultura popular, e este processo acontece, na maioria das vezes dentro da própria

família, de pai para filho. Além disso, a própria comunidade, interessada em manter os seus valores culturais, pode utilizar-se dos recursos disponibilizados pelos órgãos públicos para dar suporte à criação de projetos nas escolas, que venham atender a uma parcela da comunidade, representada pelas crianças do ensino fundamental, a fim de formar grupos de pequenos catireiros, assim como instrumentá-los com informações acerca deste tema, para que conheçam além das técnicas da dança, também sobre a sua origem e desenvolvimento no decorrer da história da cidade.



Fig. 7 – “Catira São Benedito”

Autor: Mário César da Silva



Fig. 8 – “Catira São Benedito”

Autor: Mário César da Silva

Em Barretos, este projeto foi criado e permanece, desde o ano de 2001, no colégio Educandário São Benedito, que funciona como complemento de ensino da Escola Municipal Sagrados Corações, atendendo às crianças com idade de seis a dez anos de idade que fazem parte dessa unidade de ensino.

O projeto é coordenado pela professora Claudinéia Gonzaga Maria do Carmo, também conhecida como “professora Kiko”, que vem trabalhando para a divulgação e manutenção da dança do catira.

Questionada sobre a importância desse projeto para a comunidade de Barretos a “professora Kiko” afirma que:

“... pra mim, passar este conhecimento para eles é muito fundamental, muito bom porque, é uma cultura que está esquecida, que hoje são poucos grupos, se eu não me engano são em torno de dezesseis grupos no Brasil todo, então pra “eles” é um conhecimento também da festa do peão, como surgiu a catira, e que através desse projeto eles vão aprendendo sobre outras culturas do Brasil

também...” (Claudinéia Gonzaga Maria do Carmo em Entrevista-09/2011).

Nesse período de desenvolvimento desse projeto, seus responsáveis já puderam observar que ocorrem várias mudanças comportamentais nas crianças, a partir do seu ingresso no projeto, mudanças que dizem respeito quanto ao relacionamento com o professor e com os colegas, assim como maior responsabilidade quanto à organização do seu material utilizado nas apresentações e maior concentração durante os ensaios da dança do catira. “... a dança, eles chegam completamente perdidos, correndo, sem disciplina, e conforme eles vão indo no projeto, eles assumem a disciplina e a responsabilidade que as crianças de hoje, muitas não tem...”. (Claudinéia Gonzaga Maria do Carmo em Entrevista - 09/2011)

Durante as abordagens com os entrevistados, foi unânime a observação quanto ao descaso dos órgãos públicos para o investimento, seja financeiro ou de material humano, no desenvolvimento de mais projetos relacionados, não só com a dança do catira, como também de outras formas de manifestação folclórica, e em relação a este fato todos os interpelados concordam que sem este suporte administrativo, qualquer iniciativa popular torna-se uma ferramenta muito fraca para promover o interesse dessa nova geração, para que se sintam atraídos para questão de manter a cultura dos seus antepassados. Esta observação pode ser confirmada nas palavras da “professora Kiko”, quando afirma que:

“... a mensagem que eu deixaria, pra população de Barretos, é que eles apoiassem mais, porque hoje não tem muito apoio nessa dança, financeiro, então que os empresários apoiassem mais esses projetos de dança, principalmente essas danças folclóricas, e que pra nossa população é importante pra valorizar a nossa cultura barretense que tá esquecida...” –(Claudinéia Gonzaga Maria do Carmo em Entrevista-09/2011).

Assim sendo, de acordo com o conteúdo das entrevistas, observa-se o quanto importante é o trabalho na escola, referente ao resgate da cultura popular, para que cada vez mais, as pessoas sintam que é relevante para a sociedade a transmissão

da cultura popular de geração para geração, a fim de delongar as tradições das cidades interioranas.

Quando o professor contextualiza conteúdos como o catira, ele tem um rico e interdisciplinar material para ser trabalhado em sala de aula ou mesmo como tema extracurricular. O trabalho com imagens do folclore local, por exemplo, é uma forma de intertextualizar o tema, onde as crianças obtêm resultados positivos em relação ao processo ensino aprendizagem das várias áreas envolvidas.

Capítulo 2

O registro fotográfico como ferramenta pedagógica

Existem inúmeras maneiras de se registrar a arte ou um momento artístico, quando o objetivo é a obtenção de imagens. A proposta desenvolvida como projeto pedagógico em arte/educação nesta pesquisa é o registro fotográfico de grupos de catira em plena manifestação cultural. Para a obtenção de material, no qual será proposto ao aluno interferir artisticamente, por meio de recursos tecnológicos, para a obtenção de novos resultados. Este material faz parte do projeto pedagógico, no qual a criança tem a oportunidade de desenvolver suas aptidões dentro de um universo artístico.

Outras formas de aquisição de imagens que retratem o tema da dança do catira podem ser disponibilizadas por meio de pesquisas na internet, de grupos pertencentes também a outras regiões ou até mesmo por meio de livros e revistas que por ventura possuam imagens da dança do catira.

De acordo com Ana Mae Barbosa (2005), a arte facilita o desenvolvimento psicomotor da criança, bem como complementa a comunicação entre professores e alunos. O contato com a arte na escola é essencial não para formar artistas, mas para formar o conhecedor, fruidor e o decodificador de obras de arte em suas mais variadas demonstrações. É, também, na escola que os alunos devem ter acesso à arte. Mesmo que seja apenas uma parte da arte que é acessível à maioria dos estudantes.

Segundo Ana Mae Barbosa (2005, p.33) é, também, nas instituições escolares que se pode aprender a linguagem da arte que implica desenvolvimento das dimensões sociais, como desenvolvimento de técnica, crítica e criação, e, portanto o desenvolvimento do ato de “ver” que está associado a princípios estéticos, éticos, históricos.

Quando um aluno passa a entender uma obra de arte, seja ela, uma fotografia, uma imagem ou uma tela, do ponto de vista da relação entre os elementos visuais e dos pontos de vista das características da construção das obras, com certeza interpretará o mundo à sua volta com um olhar diferenciado.

Segundo Walter Benjamin (1936) durante o século XIX houve grande controvérsia entre a pintura e a fotografia, no que diz respeito ao valor artístico e

seus produtos. No entanto nos dias atuais essa controvérsia se tornou dúbia, pois esse fato não invalida o significado do trabalho com esse tipo de arte. A controvérsia existiu e transformou a história da arte, pois esta evoluiu deixando de fundamentar apenas no culto.

Já se tinha dedicado muita reflexão vã à questão de saber se a fotografia seria uma arte sem se ter questionado o fato de, através da invenção da fotografia, se ter alterado o caráter global da arte – e, logo a seguir, os teóricos do cinema sucumbiram ao mesmo erro. (BENJAMIN, 1936, p. 18)³

Partindo da acepção de Benjamim (1936) as leituras feitas a partir da linguagem imagética, ainda não atingiram a maturidade necessária, pois os olhos de quem as vê não estão sendo trabalhadas em torno da interpretação das imagens. Sendo assim, se faz necessário um bom trabalho que se pautar na sensibilização e conhecimento do fruidor, especialmente na escola, o trabalho pedagógico deve pretender o envolvimento, a apreciação de imagens e interpretação destas, para que cada indivíduo se permita ver de forma diferenciada as imagens ao seu redor, e que esse olhar faça cada um pensar sobre si e sobre o mundo.

De acordo com Saunders (SAUNDERS *apud* BARBOSA, 2005, p. 37) é preciso que o professor faça uso da imagem como sendo um importante recurso pedagógico onde se pode fazer uso da reprodução ou da apreciação como instrumento de ensino, que tenha objetivo de orientar os alunos na utilização de reproduções, e imagens como instrumentos de ensino que tenha como foco a educação estética da criança, a percepção visual, a acuidade espacial, a simbologia visual e verbal, as mudanças históricas e auto identificação. Assim se muda a cultura verbalmente orientada para a cultura visualmente orientada.

Para Saunders (Saunders *apud* Barbosa, 2005, p. 52) há variados exercícios que podem ser trabalhados com a imagem. Entre eles o “exercício de ver” que é o ato de descrever claramente e identificar acuradamente, além de interpretar os detalhes, o “exercício de aprendizagem”, que é onde se compreende a pintura ou desenho, a expressão e o julgamento de valor, onde se exercita as habilidades de

³ A página utilizada na citação foi retirada do arquivo PDF, disponível no arquivo do site [http://pt.scribd.com/doc/17365360/Walter-Benjamin-a-Obra-de-Arte-Na-Era-de-Sua-Reprodutibilidade](http://pt.scribd.com/doc/17365360/Walter-Benjamin-a-Obra-de-Arte-Na-Era-de-Sua-Reprodutibilidade-Técnica) – Técnica. Acessado em 12 de outubro de 2011 às 17h56min.

fantasias e imaginação, além do desenvolvimento de conceitos espaciais, que desenvolvem o sentido da ordem visual, o “exercício de extensão da aula”, onde o aluno relacionará a arte com o seu meio ambiente, onde possa escrever criativamente, fazendo uso de comparações históricas, usar símbolos visuais e verbais, poderá investigar os fenômenos de luz e cor, além de fazer improvisações dramáticas, explorar relações humanas e tornar-se consciente de problemas ecológicos e outros, e ainda o “exercício de produzir artisticamente”, onde o aluno terá desenvolvido a sua autoimagem por meio do desenho, do encorajamento para a realização de uma atividade criadora grupal, experimentação do espaço positivo e negativo, experimentação de representações em três dimensões, investigação de formas, texturas, cores e ainda linhas, exercícios das habilidades para recorte, colagem, modelagem, desenho, pintura, entre outros, e o desenvolvimento da habilidade para lidar com régua, compasso, lentes de aumento, além de outras ferramentas possíveis na arte.

Esses exercícios, segundo Ana Mae Barbosa (2005), poderão ser explorados de acordo com a obra, fotografia, imagem associada aos estudos da língua portuguesa, da matemática, da geometria, geografia, ciências e outras disciplinas cabíveis.

Numa aula que utilize a leitura de imagens criadas por artistas, reproduzidas em fotografias e imagens, a estética, a crítica e a história são aspectos integrados de uma aula e não partes separadas. No entanto Barbosa (2005) afirma que;

O importante não é ensinar estética, história e crítica da arte, mas desenvolver a capacidade de formular hipóteses, julgar, justificar e contextualizar julgamentos acerca de imagens e de arte. Para isso usa-se conhecimentos de história, de estética e de crítica da arte (BARBOSA, 2005, p 34).

É de extrema importância que o professor estimule o aluno a observar a arte e não obrigá-lo a apreciá-la. É necessário oferecer um suporte estimulador, como o caso das imagens da dança do catira manipuladas pelos alunos no software Gimp⁴.

⁴ O GIMP trata-se de um software livre, isto é gratuito, criado desde 1996 e pronto para ser manuseado por artistas gráficos e todas as pessoas que procuram um método de manipulação de imagens, buscando uma resignificação, por meio dessa apropriação imagética.

Para Barbosa (2005), o ensino pós-moderno de arte que implica história e análise interpretativa, integrados ao trabalho da arte não é uma reação contra o modernismo, que instituiu a livre-expressão como objetivo do ensino da arte, mas uma ampliação dos princípios de expressão individual que marcaram a modernização do ensino da arte. Assim é importante manter as conquistas expressivas do modernismo, mas também ampliar o ensino da arte para incluir a conceituação de arte como cultura.

2.1 Identidade cultural

De acordo com o dicionário Aurélio, identidade é *“a qualidade de idêntico, ou ainda os caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado, profissão, etc...”* (FERREIRA, 2001, p.197) e cultural é adjetivo de cultura que quer dizer *“o complexo dos padrões de comportamento, das crenças das instituições das manifestações artísticas, intelectuais, etc.; transmitido coletivamente, e típicos de uma sociedade”*. (FERREIRA, 2001, p. 371)

Segundo Letícia Queiroz, a identidade cultural pode ser considerada “um sistema que representa as relações de um indivíduo ou de um grupo com o mundo” (QUEIROZ, 2008)⁵.

Para Queiroz, a adversidade cultural vem se modificando a cada ano. Alguns aspectos de determinada cultura se adicionam de vários processos em diferentes sociedades. As pessoas vão se adaptando ao meio que vivem passando por um processo de identificação na qual se obtém outros conhecimentos. Esse conhecimento e os saberes adquiridos nessa adaptação se renovam e assim algumas características de cada indivíduo se revelam. Sendo assim, identidade cultural pode ser considerada como as características de um povo e no caso do tema central deste trabalho, a dança do catira é uma das manifestações da cultura da população da cidade de Barretos.

5 A afirmação da autora Queiroz (2008), encontra disponível no site <http://blig.ig.com.br/maiscul/2008/10/20/identidade-cultural/>. Acessado em 29/10/2011, 16h54min. O referido site não contém número de páginas

Capítulo 3

Reflexões fotográficas de uma realidade popular: Projeto pedagógico

O projeto pedagógico que propomos nesta pesquisa pretende aproximar os alunos das manifestações populares da região na qual vivem, promovendo contato com a historicidade da manifestação de uma cultura popular, por meio de observação e análise de fotografias de várias épocas, colocando-os na posição de agentes/sujeitos da ressignificação dessa cultura. As fotografias disponibilizadas aos alunos fazem parte de arquivos pessoais de famílias envolvidas com a tradição da dança do catira, além de imagens pesquisadas em *sites da internet*.

Conforme comenta Almeida (ALMEIDA *apud* PRADO & ALMEIDA, 2009, p. 76) o trabalho com projeto na prática pedagógica é uma forma de conceber educação, envolvendo alunos, professor, recursos materiais que incluem as tecnologias, onde as interações entre esses itens fazem com que seja propiciada a aprendizagem em um ambiente determinado.

Ainda relata que este ambiente promove a interação entre os elementos, os quais oferecem aos alunos a construção do conhecimento de várias áreas do saber, por meio de significativas buscas, para que se compreenda, represente e resolva situações-problema apresentadas pelos professores ou do próprio cotidiano.

Ainda afirma sobre o trabalho com projetos que este:

“Trata-se de uma nova cultura do aprendizado que não se fará por reformas ou novos métodos e conteúdos definidos por especialistas que pretendam impor melhorias ao sistema educacional vigente” (ALMEIDA *apud* PRADO & ALMEIDA, 2009, p. 76)

Para a realização das atividades, os alunos serão orientados pelo professor a se manifestarem de forma criativa, buscando a ressignificação das imagens fotográficas recolhidas na pesquisa de campo, utilizando da tecnologia, manipulando o *software* Gimp. Os alunos, após desenvolverem os trabalhos de apropriação e ressignificação imagética, poderão expor seus trabalhos artísticos em uma galeria. Para a realização dessa exposição, propomos que esta seja organizada na própria escola, pelos próprios alunos, sob a orientação do professor da turma, como uma

maneira de trazer para o século XXI, uma tradição que faz parte dos costumes do seu povo.

3.1 A arte como meio de desenvolvimento geral da criança e do jovem

As pesquisadoras em arte/educação, Maria Heloisa Ferraz e Maria Fusari, (2001), apresentam a argumentação de que toda criança apresenta o anseio pelo conhecimento e a partir disso deve ser a ela oportuno, tanto pela escola como pela comunidade e pela família a possibilidade em se relacionar com obras de arte.

[...] O contato da criança com as obras de arte. Quando isto ocorre com crianças que tem oportunidade de praticar atividades artísticas, percebe-se que elas adquirem novos repertórios e são capazes de fazer relações com suas próprias experiências [...]. E, ainda, se elas também são encorajadas a observar, tocar, conversar, refletir, veremos quantas descobertas instigantes poderão ocorrer. (FERRAZ; FUSARI, 2010, pp. 49-50)

A interação da criança com obras de arte estimula a criatividade do aluno e a partir destas interações, os alunos podem ser instigados pelos professores a intervirem criativamente nos registros fotográficos por meio do *software* Gimp, com a aplicação de filtros artísticos variados. Esta proposta tem o intuito de promover o estímulo da capacidade criadora do educando, permitindo um contato direto com o tema abordado na imagem e desenvolvendo a sua disposição para a apropriação do reconhecimento cultural, através de uma nova linguagem que busca a ressignificação dos valores de cada um, respeitando suas especificidades.

A aprendizagem em arte acompanha o processo de desenvolvimento geral da criança e do jovem desse período que observa que sua participação nas atividades do cotidiano social está envolta nas regularidades, acordos, construções e leis que reconhece na dinâmica social da comunidade à qual pertence, pelo fato de se perceber como parte constitutiva desta. (PCN – Arte, 2001, p.49)

Essa afirmação, contida nos Parâmetros Curriculares Nacionais, está ligada à realidade do aluno como um ser participativo e colaborador do sistema de ensino aprendizagem e gerador de oportunidades para o crescimento mútuo entre professor e aluno. A ideia de colocar o aluno em uma postura passiva, como recipiente para depósito de conhecimentos e informações está descartada nessa nova concepção do conceito de aluno, em todas as áreas do conhecimento, nos dias atuais. Sendo assim, de acordo com os parâmetros Curriculares Nacionais, é importante que:

[...] os alunos compreendam o sentido do fazer artístico [...]; Que suas experiências de desenhar, cantar, dançar ou dramatizar não são atividades que visam distraí-los da “seriedade” das outras disciplinas. Ao fazer e conhecer arte o aluno percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo. Além disso, desenvolvem potencialidades (como percepção, observação, imaginação e sensibilidade) que podem alicerçar a consciência do seu lugar no mundo e também contribuem inegavelmente para sua apreensão significativa dos conteúdos das outras disciplinas do currículo. (PCN – Arte, 2001, p.44)

É preciso que os jovens percebam os efeitos benéficos que o fazer artístico pode proporcionar na vida das pessoas, e entendam que, muito além que a busca do prazer, a arte aponta caminhos para outros entendimentos. A grandiosidade de um povo se solidifica por meio da valorização de sua cultura, e esta semente deve ser plantada hoje, para produzir bons frutos nos cidadãos que farão parte das próximas gerações.

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. (PCN. 2001, pp.20-21)

Tal afirmativa confirma a importância do projeto pedagógico para alunos do ensino fundamental, em virtude da necessidade de fazê-los compreender a amplitude da sua relação com o mundo a sua volta, buscando assim o reconhecimento.

3.2 O professor como mediador

O professor tem papel primordial na intermediação entre o aluno e a tecnologia, e por isto mesmo deve ter o domínio das técnicas de manuseio do *software* Gimp, além da desenvoltura para a transferência desses conhecimentos aos seus alunos, aproveitando o fato de que as crianças de hoje dispõem de muita facilidade para o acesso às tecnologias da informática, com as quais estabelecem contato desde muito cedo por meio dos jogos disponíveis pela *internet*.

A interatividade verdadeira ocorre, no entanto, nas aprendizagens realizadas com o auxílio do computador, e em ambientes colaborativos de aprendizagem (como é passível de acontecer, por exemplo, na Educação a Distância e em *softwares* em que a ação do usuário determina o andamento da estrutura do aplicativo). Eles reforçam a ideia de que o conhecimento se constrói de forma compartilhada, e que isto tem forte efeito motivador para as crianças. (VILLARDI & OLIVEIRA, 2005, p. 28)

O uso desse *software* pode ser entendido como uma ponte de ligação entre os jovens e toda uma bagagem de cultura adormecida, que tem se mantido viva, graças à persistência de algumas pessoas, que se dedicam totalmente para levar adiante a dança do catira.

O aluno encontrará por meio do manuseio do *software* Gimp, uma maneira fácil e dinâmica de manipulação de imagens, possibilitando ressignificar a dança do catira por meio da apropriação imagética.

Essa mudança de percepção da criança em relação à tecnologia da informática, além de ativar importantes esquemas mentais à sua identidade, contribui para sua autonomia e significação de aprendizagem. (VILLARDI, 2005, p.33)

O resultado desse investimento deverá ser a construção de mentes sensíveis e criativas, com capacidade para o resgate e a manutenção de uma tradição do seu povo por meio de uma releitura tecnológica e conseqüentemente uma mudança na

concepção dos alunos quanto aos seus próprios valores. Isto vem a confirmar quando Roque Laraia (2006) afirma que:

Cada mudança por menor que seja, representa o desenlace de numerosos conflitos. Isto porque em cada momento as sociedades humanas são palco de embate entre as tendências conservadoras e inovadoras. (LARAIA, 2006, p.99).

É sabido que um povo que não preserva a sua cultura está fadado à decadência social, dessa forma é de suma importância que os barretenses, bem como alunos de toda região, mantenham o reconhecimento e as práticas da cultura popular, com a qual o seu povo se identifica e através desta, sua identidade é legitimada.

Capítulo 4

A arte e a tecnologia

Nos dias atuais arte e tecnologia estão intrinsecamente ligadas. A palavra arte em seu sentido literal, conforme o dicionário Aurélio, quer dizer “*capacidade ou atividade humana de criação plástica ou musical*”, ou ainda, “*os preceitos necessários à execução de qualquer arte*” (FERREIRA, 2000, p. 64) enquanto que tecnologia quer dizer “*o conjunto de conhecimentos, especialmente princípios científicos, que se aplicam a um determinado ramo de atividade*” (FERREIRA, 2000, p. 664).

No entanto, etimologicamente palavra arte é *ars*, que significa técnica e habilidade. A arte está ligada a alguma técnica ou habilidade de envolvimento com a estética. A palavra estética tem sua etimologia como sendo *aisthesis* que está ligada à percepção e sensação. Sucessivamente a etimologia da palavra tecnologia é *techné*, que significa técnica, ofício.

Pode-se perceber que o significado etimológico das palavras arte e técnica são extremamente próximos. Portanto a tecnologia e a arte, bem como o fazer artístico, estão ligados ao homem desde o princípio, onde o homem começou a fazer desenhos rupestres utilizando técnicas que foram adquiridas através da prática.

Sendo assim, é possível unir as duas habilidades que o ser humano possui, pois estes advêm do desenvolvimento ocorrido por meio de prática, como dito anteriormente. Isto é, quanto mais um aluno ou indivíduo tiver contato com a arte e com a tecnologia, mais terá condições para trabalhar com a junção arte-tecnologia.

4.1 Tecnologias como ferramenta de aprendizagem na sala de aula

As novas tecnologias, como ferramenta para a aprendizagem, são grandes aliadas como potencial modificador na educação em relação ao processo ensino-aprendizagem. Como o sistema educacional brasileiro, apresenta brechas na formação integral dos alunos, pontuamos a afirmação dos pesquisadores Pozo e Postigo, a escola deve “formar alunos para que estes tenham acesso e dêem

sentido às informações, proporcionando-lhes a capacidade de aprender e refletir sobre as informações recebidas” (POZO E POSTIGO *apud* SALGADO& AMARAL, 2000, p.31).

O uso efetivo de tecnologia de informação para “apreender” os conhecimentos e informações existentes, requer interpretação compartilhada. Quanto mais houver comunicação e conhecimentos compartilhados, bem como troca de experiências e reflexão acerca do uso das tecnologias de informação, maior será a eficiência da comunicação do conhecimento por canais de mediação digital. (SANTOS *apud* SALGADO& AMARAL, 2000, p. 77)

Pensar o uso do computador, não é tarefa tão simples, embora, nos dias atuais em razão da força com que se impõem no espaço educativo as ferramentas ligadas à informática, normalmente tem sido alvo de profissionais que se dedicam a buscar soluções técnicas para os problemas do ensino, e também dos que se preocupam com uma visão mais ampla das questões relacionadas à educação.

A tendência dos debates sobre tecnologia e educação é, via de regra, relegar o fato de que os livros, lousa, giz assim como as diferentes formas de linguagem, o próprio conteúdo curricular, o controle e a avaliação da aprendizagem, a disciplina são: instrumentos tecnológicos ou tecnologias simbólicas que medeiam a comunicação ou, ainda, tecnologias organizadoras do sistema escolar, ele mesmo também uma forma de “tecnologia” ou, usando outras palavras, uma ferramenta pedagógica. (SALGADO & AMARAL, 2000, p.109)

“Existe aprendizagem quando o uso do computador e a interatividade em ambientes colaborativos existem. O uso de *softwares* facilita e reforça a ideia do conhecimento que se constrói de forma compartilhada”. (VILLARDI e OLIVEIRA, 2005, p.34).

O uso do computador deve ser incorporado objetivamente como jogo, diversão, lazer e conhecimento, seguido de ressignificação para que este represente um recurso de aprendizagem, como no caso do *software* Gimp, apresenta-se como uma possibilidade ativa de utilização na demonstração visual da cultura da dança do catira. O computador e os *softwares* são importantes mediações e ferramentas para

se incluir a criança “digitalmente” em um momento de apreciação de uma cultura por meio das artes visuais e da tecnologia.

4.2 A apropriação do conhecimento

Por meio da convivência e da valorização da sua cultura, pode-se afirmar que o povo barretense se apropriou do conhecimento da dança do catira, como uma forma de representação da sua identidade. De acordo com Elvira Souza Lima na transcrição de sua palestra, Apropriação da Leitura e da Escrita, proferida no Ministério de Educação e Cultura, afirma, “Outra coisa bastante importante é que nós sabemos hoje que leitura e escrita são práticas culturais, elas são resultado de apropriação cultural”. (LIMA, 2007)⁶

Assim como a apropriação da escrita e da leitura são um direito de todo cidadão para adequá-lo ao meio em que vive, assim também o processo de apropriação cultural, pelo qual o catira passou na região de Barretos, vem legitimar esta tradição, que faz parte do folclore desta cidade, e justifica a apreciação do seu povo pela cultura popular.

O conhecimento, como afirma Sveiby “se constrói por meio de ações que possuam qualidade dinâmica refletiva em verbos como aprender, esquecer, alguma produção” (SVEIBY *apud* SALGADO & AMARAL, 2008, p77), na mesma linha de raciocínio Baccega afirma que o conhecimento “(...) se baseia na inter-relação e não na fragmentação” (BACCEGA *apud* SALGADO & AMARAL, 2008, p77).

O conhecimento se refere à totalidade, ou melhor, a um conjunto de informações, altamente integradas, que pode ser reformulado em prol da elaboração do novo, aquilo que ainda é virtual. Ou seja, algo a ser realizado. (BACCEGA *apud* Salgado & Amaral, 2008, p77)

⁶ Elvira Souza Lima é pesquisadora em desenvolvimento humano. Formada em neurociências, Psicologia, Antropologia e Música. Entrevista concedida com o tema “apropriação da Leitura e da escrita”, disponível no site <<http://elvirasouzalima.blogspot.com/2007/08/apropriacao-da-leitura-e-da-escrita.html>>, acessado em 21/09/2011 – 16h30min.

Quando se fala em conhecimento, é importante que se faça a avaliação do seu contexto interpretativo, pois este será compartilhado entre um agente humano que produz o conhecimento e quem poderá compartilhar desse conhecimento.

De acordo com Salgado & Amaral, (2008) não existe concretude no conhecimento, se este é colocado de forma definitiva, pois se torna apenas objeto de alienação. Deve-se fazer uso da reflexão que é o que permite olhar para além do que está posto, trabalhar com as informações que se tem e então reinterpretá-la de volta ao mundo, como resultado da contemporaneidade. (Salgado & Amaral, 2008, p. 115)

É preciso que haja envolvimento do aluno no processo de aprendizagem e para que isso ocorra, a escola deve propiciar ao aluno encontrar sentido e funcionalidade no que se está sendo oferecido.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN - Ensino Médio, 1999, *apud* SALGADO & AMARAL, 2008, p165), consta que da mesma forma é necessário que se propicie ao aluno a observação e a interpretação dos aspectos da natureza, sociais e humanos, instigando a curiosidade para que haja compreensão das relações entre os fatores que podem intervir nos fenômenos e no desenvolvimento humano. Essa forma contextualizada de aprender é que permite ao aluno relacionar aspectos presentes da vida pessoal, social e cultural, mobilizando as competências cognitivas e emocionais já adquiridas para novas possibilidades de reconstrução do conhecimento.

Assim sendo, é importante que o professor conheça os recursos com que pretende trabalhar, bem como os anseios de sua clientela, relacionando-os e introduzindo-os de forma que o aluno possa se desenvolver por meio da prática pedagógica e da sistematização dos conceitos, das estratégias e dos procedimentos utilizados durante uma aula ou ainda um projeto que envolva a fotografia e as tecnologias.

CONCLUSÃO

Durante o processo de construção deste projeto, a dança do catira pode ser percebida de diferentes formas, quanto à sua performance, vestimenta e atuação na sociedade.

É lamentável constatar que hoje somente alguns poucos grupos de catira em Barretos e região, ainda sobrevivem ao descaso das autoridades e da própria sociedade, graças à iniciativa de famílias que se esforçam para manter esta tradição, passando seus conhecimentos de pai para filho.

Além disso, pequenos projetos desenvolvidos por algumas unidades de ensino têm mostrado um tímido interesse em colocar este aprendizado de forma pedagógica para as crianças do ensino fundamental das escolas do município.

O interesse por manter viva esta manifestação cultural tem levado alguns profissionais a estudarem formas mais atualizadas de atrair o interesse dos jovens, buscando, por exemplo, relacionar este tema ao uso do computador e de alguns *softwares* livres.

O resultado das pesquisas, sejam elas bibliográficas ou de campo, apontaram para a urgência em sensibilizar as autoridades cabíveis, na busca de medidas práticas e por meio de investimento na contratação de profissionais capacitados para o desenvolvimento de projetos ligados à cultura popular.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. Editora Perspectiva. São Paulo, 2005.

BENJAMIN, W. A Obra de Arte na era da sua reprodutibilidade técnica. Disponível no site <http://pt.scribd.com/doc/17365360/Walter-Benjamin-a-Obra-de-Arte-Na-Era-de-Sua-Reprodutibilidade-Tecnica> Acessado em 12 de outubro de 2011 às 17h56min.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FERRAZ, Maria Heloisa Correa de Toledo; FUSARI, Maria F. De Rezende. *Metodologia do ensino de arte*. 2 ed. São Paulo, Cortez, 2010.

FERREIRA, A. B. H. *Mini Dicionário Escolar, Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. *CULTURA: Um Conceito Antropológico*. 20 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

Parâmetros curriculares nacionais: arte /Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. - 3. ed.-Brasília: A Secretaria,2001.

PRADO. Maria Elisabette Brisola Brito,: ALMEDA, Maria Elisabeth Bianconcini de Almeida. *Elaboração de Projetos: guia do cursista*, 1ª Edição, Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de educação à distância, 2009.

QUEIROZ, Letícia, *Identidade Cultural*,
<http://blig.ig.com.br/maiscult/2008/10/20/identidade-cultural/>. Acessado em 29/10/2011, 16h54min

SALGADO, Maria Uemberlina Caiafa & AMARAL, Ana Lúcia, *Tecnologias na Educação: Ensinando e aprendendo com as TIC*, MEC, 2008.

VILLARDI, Raquel e OLIVEIRA Eloíza Gomes de *TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO: Uma Perspectiva Sócio Interacionista*. Rio de Janeiro: Dunya, 2005.

LIMA. Elvira Souza., *Apropriação da leitura e da escrita*. Disponível em <http://elvirasouzalima.blogspot.com/2007/08/apropriao-da-leitura-e-da-escrita.html>>Ministério da Educação e Cultura, 2007. Acessado em: 21/09/2011 às 16h30min

Outras Fontes:

Entrevista com o Sr. Carlos Anésio da Silva, ex-participante do extinto grupo de catira “Vinte e Cinco de Agosto” – 09/2011.

Entrevista com o Sr. Expedito (violeiro) – integrante do grupo de catira feminina do colégio CETEC – 09/2011.

Entrevista com a professora Claudinéia, conhecida por (professora Kiko) do projeto de complementação de ensino, Educandário São Benedito, que atende os alunos da Escola Municipal Sagrados Corações – 09/2011.